

Resource: Dicionário Bíblico (Tyndale)

Aquifer Open Bible Dictionary

This work is an adaptation of Tyndale Open Bible Dictionary © 2023 Tyndale House Publishers, licensed under the CC BY-SA 4.0 license. The adaptation, Aquifer Open Bible Dictionary, was created by Mission Mutual and is also licensed under CC BY-SA 4.0.

This resource has been adapted into multiple languages, including English, Tok Pisin, Arabic (عربي), French (Français), Hindi (हिंदी), Indonesian (Bahasa Indonesia), Portuguese (Português), Russian (Русский), Spanish (Español), Swahili (Kiswahili), and Simplified Chinese (简体中文).

Dicionário Bíblico (Tyndale)

Q

Qere, Qohelet, Quadrato, Apologia de, Quarto, Quarto, Quaterno, Que, Quebar, Quebrantosso, Queda do homem, Quedar, Quedemá, Quedemote, Quedes, Quedorlaomer, Queelata, Quefar-Amonai, Quefira, Queijo, Queila (lugar), Queila (pessoa), Quelaías, Quelal, Quelita, Quelubai, Quelube, Quelube, Queluí, Quelus, Quemarim, Quemarins, Qemos, Quemuel, Quenaana, Quenani, Quenanas, Quenate, Quenaz, Queneus, Quenezeus, Queniz, Querã, Quéreas, Quéren-Hapuque, Queretitas, Querigma, Queriot, Queriot-Hezrom, Querite, o riacho de, Queros, Querube (Lugar), Querubim, querubins, Quesalom, Qesede, Qesede, Qesil, Qesitá, Qesulote, Quetura, Quézia, Quezibe, Quezibe, Quiamon, Quibrote-Hataavá, Quibzaim, Quidom, Quileabe, Quiliom, Quilmade, Quimã, Quiná, Quinerete, Quinerete, Quios, Quir, Quir-Haresete, Quiriataim, Quiriate-Arba, Quiriate-Arim, Quiriate-Baal, Quiriate-Huzote, Quiriate-Jearim, Quiriate-Sana, Quiriate-Sefer, Quirino, Quiriot, Quis, Quisi, Quisião, Quisleu, Quislom, Quislote-Tabor, Quisom, Quitim, Quitim, Quitlis, Quitrom, Quim, Qumran

Qere

Uma palavra aramaica que significa "o que deve ser lido". Até a época dos massoretas (escribas judeus medievais), a Bíblia Hebraica era escrita apenas com consoantes. No entanto, os massoretas acreditavam que as vogais tornariam as Escrituras mais fáceis de ler. Assim, eles começaram a escrevê-las com as vogais.

Quando copiavam uma palavra que achavam estar pouco clara como estava escrita, colocavam a palavra na margem com outras vogais, mudando o significado ou a intenção. A palavra que estava escrita no texto era chamada de "Ketib", e o que deveria ser lido era "Qere". O Qere era a palavra escrita nas margens.

Qohelet

O título hebraico para o livro de Eclesiastes, a palavra Qoheleth, é frequentemente traduzido como "o Pregador" ou "o Professor". Também pode ser escrita como "Kohleth". Vem de uma palavra que significa "convocar uma assembleia" e mais tarde desenvolveu o significado de "dirigir-se a uma assembleia". O autor do livro de Eclesiastes refere-se a si mesmo como Qoheleth em muitas passagens ao longo do livro.

Veja Eclesiastes, Livro de.

Quadrato, Apologia de

Por volta de 125 d.C., Quadrato escreveu uma defesa cristã inicial (ou apologia) do Cristianismo para o imperador Adriano. Os escritos de Eusébio preservam o único fragmento remanescente desta apologia. O fragmento diz o seguinte:

"Mas as obras de nosso Salvador estavam sempre presentes (pois eram genuínas): a saber, aqueles que foram curados, aqueles que ressuscitaram dos mortos; que não foram apenas vistos no ato de serem curados ou ressuscitados, mas também estavam sempre presentes; e não apenas quando o Salvador estava na terra, mas também após sua partida, viveram por um tempo considerável; de modo que alguns deles sobreviveram até os nossos dias".

Segundo Eusébio, Quadrato escreveu a apologia para defender a igreja. Eusébio afirmou: "Certos homens maus tentaram perturbar aqueles que pertenciam a nós". Quadrato também esperava persuadir Adriano sobre a veracidade do Cristianismo. Se Quadrato pudesse assegurar a Adriano as intenções puras dos cristãos, Adriano poderia acabar com as perseguições. A apologia de Quadrato é às vezes erroneamente identificada com a "Carta a Diogneto".

Quarto

Cristão que se juntou ao apóstolo Paulo para enviar saudações à igreja em Roma ([Rm 16.23](#)).

Quarto

Veja Pesos e medidas (choinix).

Quaterno

A tradução da ARC para um grupo de soldados, com quatro em cada grupo, conforme [Atos 12.4](#).

Veja Guerra.

Que

Nome da Cilícia nos tempos do AT. De lá, Salomão importou cavalos ([1Rs 10.28](#); [2Cr 1.16](#)). Incluía duas áreas geográficas: a planície no leste (Cilícia Pedias) e as montanhas no oeste (Cilícia Tracheia). Era delimitada ao sul pelo Mediterrâneo, a oeste e noroeste pelas cadeias do Taurus, a nordeste pelo Anti-Taurus, e a leste pelo Amanus.

Os governantes acádios do final do terceiro milênio, Sargão, o Grande, e seu neto Naram-Sin, afirmavam ter alcançado a "floresta de cedros" e a "montanha de prata", que evidentemente eram o Amanus e o Taurus, respectivamente. O nome da planície na Idade do Bronze Médio era Adaniya; durante a Idade do Bronze Tardio, um reino chamado Kizzuwatna, composto por elementos luvianos e hurritas, surgiu ali, mas foi subjugado pelo Império Hitita.

A Idade do Ferro (primeiro milênio a.C.) testemunhou a ascensão do reino neo-hitita da Cilícia; ele atuava como intermediário, trazendo cavalos do norte (cf. [Ez 27.14](#)). No nono século a.C., a Cilícia juntou-se a uma coalizão de estados para resistir à agressão de Salmanasar III (858 a.C.), que finalmente conquistou a Cilícia entre 839 e 833 a.C. Quando os assírios se retiraram, a Cilícia era a terceira em importância após Aram-Damasco e Arpade (segundo a estela de Zakir, rei de Hamate). No final do século VIII, Urikki, rei da Cilícia, pagou tributo a Tiglate-Pileser III (738 a.C.), e um pouco mais tarde a Cilícia foi anexada pela Assíria. Com a morte de Sargão (705 a.C.), todas as províncias assírias na Cilícia e na Anatólia se rebelaram; Senaqueribe não as reconquistou até 695 a.C. Apesar da pressão dos vizinhos Tabal e das tribos dos Khilakku (que mais tarde deram o nome de Cilícia à planície), Esar-Hadom e Assurbanípal conseguiram manter seu domínio sobre a Cilícia. O caldeu Nabucodonosor conduziu campanhas lá em 593 e 591 a.C. Mais tarde, reis caldeus também a

controlaram e fizeram campanhas contra a vizinha Lídia. Com a queda da Babilônia para os persas, os Khilakku aproveitaram a situação para ocupar a planície. Isso marcou o fim da Cilícia e o início da Cilícia clássica.

Quebar

Canal na Babilônia. O profeta Ezequiel, que estava entre os exilados do reino do sul de Judá, recebeu visões de Deus enquanto vivia na área do Canal de Quebar ([Ez 1.1.3](#); [3.15.23](#); [10.15.20.22](#); [43.3](#)). Textos babilônicos seculares referem-se a um *nar Kabaru*, que se acredita ser o mesmo canal.

Quebrantosso

O maior da família dos abutres, também conhecido como abutre barbudo, é considerado cerimonialmente impuro ([Lv 11.13](#); [Dt 14.12](#), ARC). Veja Aves (Abutre).

Queda do homem

Transição de uma condição de inocência moral e favor com Deus para uma condição de condenação à morte, que ocorreu na história da humanidade com o ato de Adão de comer o fruto proibido.

Evidência bíblica

O relato da Criação em [Gênesis 1](#) e [2](#) afirma a distinção tanto da natureza quanto da tarefa do homem. Homem (usado neste artigo como um termo genérico para seres humanos masculinos e femininos) foi criado à imagem de Deus com o propósito de comunhão e associação com Deus. Como representante de Deus, ele recebeu domínio sobre a terra para cultivar e usar seus recursos para a glória de Deus.

Além do mandato cultural, o homem também recebeu um comando específico. Ele foi autorizado a usar a vegetação do Jardim do Éden para alimento, mas foi expressamente proibido de comer da árvore do conhecimento do bem e do mal. O propósito deste comando era introduzir na consciência humana a antítese radical entre o bem e o mal e confirmar o homem no serviço ao Criador. Como um servo fiel e leal, o homem deveria desfrutar de todas as bênçãos concedidas por seu

Pai no céu e, por fim, ser conduzido à plenitude da vida eterna com Deus.

O homem foi feito uma criatura viva, assim como os animais, mas o núcleo de sua vida deveria ser a união e comunhão com Deus. A comunhão com Deus deveria se tornar a posse consciente de Adão, em contraste com os animais que não conhecem nem a possibilidade do pecado nem a comunhão consciente com Deus. Com plena consciência do mal da alternativa, o homem deveria servir a Deus de forma voluntária e amorosa. Sua vida diante de Deus deveria, portanto, ser religiosa em vez de instintiva.

O propósito de Deus ao dar o comando para não comer o fruto do conhecimento do bem e do mal era estabelecer os humanos nos caminhos da retidão e da fé, mas Satanás usou o comando como uma ocasião para tentar o homem a se rebelar contra Deus. Embora não houvesse mal para o homem em ser tentado, era mal para Satanás tentar o homem a pecar. Isso significa que havia mal no universo antes da queda do homem. Era o propósito aparente de Satanás sujeitar o homem a si mesmo e, através do homem, estender seu reino de trevas sobre a terra. A queda do homem e o subsequente programa de redenção devem ser entendidos no contexto do conflito cósmico entre Deus e Satanás, no qual o triunfo final de Deus está assegurado. Satanás abordou Adão por meio de Eva, usando a serpente como seu instrumento para atraí-los a comer da árvore do conhecimento do bem e do mal.

A diferença entre o bem e o mal não foi ocultada do homem antes da queda, embora o conhecimento experiencial do homem fosse apenas do bem. Adão deveria receber instrução somente de Deus, sobre a natureza dessa distinção e as consequências de comer ou não comer. Assim como ele havia recebido vida no início de seu Criador, agora ele deveria viver em obediência a cada palavra que procedesse da boca de Deus. O propósito da tentação era incitar a independência de Deus. Satanás questionou a verdade de Deus e desafiou sua autoridade. Ele levou o homem a pensar que poderia determinar por si mesmo a diferença entre o bem e o mal e que poderia controlar as consequências para sua própria vantagem. Foi a tentação para o homem ser um deus para si mesmo.

Adão caiu quando cedeu à tentação de Satanás e, junto com sua esposa, comeu do fruto proibido. O ato de rebelião foi um ato de desobediência, deslealdade, infidelidade e incredulidade. Assim como o comando de não comer resumiu e trouxe à

tona tudo o que estava envolvido na justiça diante de Deus, a transgressão epitomizou a apostasia radical de Deus. A obediência completa a Deus deu lugar à rebelião total e à revolta completa: a autoridade de Deus foi repudiada; a bondade de Deus foi duvidada; a sabedoria de Deus foi contestada; e a verdade de Deus foi contradita. Um novo complexo de afeições e emoções tomou posse do coração e da mente do homem.

Efeitos da queda

Os efeitos imediatos da queda são visíveis na perda de ousadia e alegria na presença de Deus e no surgimento do medo e da vergonha. Eles também são visíveis na alienação de Adão e Eva de Deus. Isso é exemplificado na maldição em relação ao homem, mas mais acentuadamente na expulsão de Adão e Eva do Jardim. O Jardim era o lugar de habitação da justiça, a esfera de união e comunhão entre o homem e Deus. A expulsão era inevitável uma vez que a comunhão foi rompida pela injustiça. Como Deus havia avisado, a consequência do pecado era a morte. Como a morte intervém em todo ponto onde há vida, ela também se manifesta na dissolução do corpo no túmulo.

As consequências da queda não se limitam a Adão e Eva, mas se estendem a todos os que descendem do primeiro casal por geração natural, porque existe uma relação única de solidariedade entre Adão e o restante da raça. Alguns teólogos acentuam a conexão genérica entre Adão e seus descendentes, enquanto outros focam na relação de aliança de Adão como cabeça e representante de sua posteridade. As consequências da transgressão de Adão para a raça humana são a imputação de seu pecado a todos os seus descendentes, sua consequente responsabilidade pela morte e sua herança de uma natureza depravada.

Os resultados da queda também se manifestam no cosmos à medida que a maldição se desenvolve na resistência oferecida ao cumprimento do mandato cultural original. Somente com a dor e o perigo associados ao parto é que o mundo é povoado, e somente com trabalho árduo e penoso são fornecidos os alimentos, roupas e abrigo necessários para sustentar a vida.

No entanto, o fato de que a morte não desce *imediatamente* sobre o homem após a queda como julgamento *final* é indicativo do propósito salvador de Deus para o homem. Adão não ouve a maldição da morte pronunciada até que ele ouça a promessa de um Salvador ([Gênesis 3.15](#)).

Após [Gênesis 3](#), a Bíblia raramente se refere à queda do homem, mas este evento histórico é a pressuposição indispensável de tudo o que se segue. O foco da Bíblia é voltado para o futuro — os efeitos crescentes do pecado e o desdobramento do remédio de Deus.

Veja também Adão (Pessoa); Morte; Pecado.

Quedar

1. O segundo filho de Ismael, filho de Abraão ([Gn 25.13](#); [1Cr 1.29](#)).

2. Uma tribo ou área que aparece principalmente nos escritos proféticos de Salomão até o exílio. Na profecia de Isaías contra a Arábia, Quedar é mencionada duas vezes ([Is 21.13-17](#)). Juntamente com Arábia, Dedã e Tema, os quedaritas são ameaçados de destruição. [Isaías 21.16](#) menciona sua "pompa", sugerindo alguma riqueza (veja também [Ez 27.21](#)). O tom militarista em [Isaías 21.17](#) sugere que eram um povo guerreiro. Em [Jeremias 49.28](#), Quedar é ligada a Hazor como vítimas das conquistas de Nabucodonosor. Não há registro fora da Bíblia da marcha de Nabucodonosor sobre Quedar. No entanto, Assurbanípal, o rei da Assíria, menciona a conquista de Quedar. Isso teria ocorrido por volta de 650 a.C., ou meio século antes da conquista babilônica.

Além do relato de Assurbanípal, a única outra referência antiga fora da Bíblia a Quedar está em uma tigela de prata. Ela foi oferecida à deusa árabe Han-'ilat no Delta do Egito. A inscrição na tigela diz: "Caim, filho de Gesém, rei de Quedar", e é datada do quinto século a.C. Este Gesém era muito provavelmente o inimigo de Neemias ([Ne 2.19](#); [6.1-6](#)).

A imagem que a Bíblia apresenta de Quedar é a de um povo que vive no deserto, descendente de Ismael. Inicialmente, eles não acreditavam em Yahweh, mas estão incluídos na profecia de Isaías sobre o futuro reino de Deus (compare [Is 42.11](#); [60.7](#)). O ambiente desértico limitava seu trabalho à criação de ovelhas e ao comércio. A água imprevisível no deserto os forçava a se mover. Uma vida em tendas era preferível a casas permanentes (compare [Sl 120.5](#); [Ct Sl 1.5](#)). Por essa razão, os arqueólogos não encontraram nenhum local chamado Quedar. Quedar ficava a leste e ligeiramente ao sul de Israel, no sul da Jordânia. Presumivelmente,

o povo de Quedar desapareceu ou foi absorvido por nações vizinhas.

Quedemá

Um filho de Ismael mencionado em [Gênesis 25.15](#). Mais tarde, seus descendentes foram conhecidos pelo seu nome ([1Cr 1.31](#)).

Quedemote

Cidade a leste do Jordão, provavelmente localizada no curso superior do rio Arnom. Do deserto de Quedemote, Moisés enviou mensageiros a Seom, rei de Hesbom, pedindo permissão para passar pacificamente por sua terra ([Dt 2.26](#)). Na divisão da terra, Quedemote foi dada à tribo de Rúben ([Js 13.18](#)) e depois reservada como uma das cidades levíticas para os meraritas ([Js 21.37](#); [1Cr 6.79](#)).

Veja também Cidades dos levitas.

Quedes

1. Cidade no Neguebe da Judeia ([Js 15.23](#)); sua aparição ao lado de Adada (Aroer) argumenta contra sua identificação com Cades-Barneia.

2. Cidade de refúgio na alta Galileia, no território de Naftali ([Js 20.7](#)), destinada ao clã dos gersonitas de Levi ([Js 21.32](#); [1Cr 6.76](#)), e lar de Baraque ([Jz 4.6](#)). Foi conquistada por Tiglate-Pileser III em 732 a.C. ([2Rs 15.29](#)). Jônatas Macabeu derrotou o exército de Demétrio lá ([1Mc 11.63,73](#)). É identificada com Tell Qades, a 7,2 quilômetros a noroeste do Lago Huleh.

Veja também Cidades de refúgio.

3. Cidade levítica em Issacar ([1Cr 6.72](#)); a passagem paralela traz Quisíão ([Js 21.28](#)).

Veja também Cidades levíticas.

Quedorlaomer

Rei de Elão que participou com outros três reis em uma campanha contra cinco cidades perto do extremo sul da planície do Mar Morto ([Gn 14](#)). Embora Quedorlaomer seja inicialmente o terceiro na lista (v. [1](#)), ele era evidentemente o líder dos

quatro reis. Em outras partes do capítulo, seu nome vem primeiro ou aparece sozinho.

Por 12 anos, as cinco cidades da planície foram vassalas de Quedorlaomer. No 13º ano, as cidades se rebelaram, e no ano seguinte Quedorlaomer recrutou aliados para reafirmar seu domínio. Os reis vitoriosos saquearam as cidades e fizeram prisioneiros. Como Ló, sobrinho do patriarca Abrão, estava entre os cativos, Abrão reuniu seus servos e aliados e perseguiu Quedorlaomer até Damasco. Quedorlaomer foi derrotado, e o saque e os prisioneiros capturados foram resgatados.

A primeira metade do nome Quedorlaomer é uma palavra comum em elamita que significa "servo". A segunda metade é provavelmente o nome de uma divindade elamita. Embora ambos os elementos do nome sejam conhecidos fora da Bíblia, a combinação não é. No entanto, ela se alinha com uma data do início do segundo milênio a.C. para o evento, coincidindo com o relato bíblico.

Queelata

Um dos lugares onde os israelitas acamparam durante sua jornada do Egito ao Monte Sinai. Estava localizado em algum lugar entre Rissa e Monte Sefer. ([Nm 33.22,23](#)).

Quefar-Amonai

Cidade atribuída à tribo de Benjamim como herança após a conquista inicial de Canaã por Josué ([Js 18.24](#)).

Quefira

Outra grafia para Cefira, uma cidade antiga que era lar do povo heveu ([Js 9.17](#)). *Veja* Cefira.

Queijo

Produto lácteo produzido pela coagulação do leite, drenagem do soro, prensagem da coalhada em bolos e secagem. Uma das primeiras referências bíblicas ao queijo está em [Jó 10.10](#): "não me vazaste como leite e como queijo me não coalhaste?" (ARC). *Veja* Alimentos e preparação de alimentos.

Queila (lugar)

Cidade atribuída à tribo de Judá ([Js 15.44](#); [1Cr 4.19](#)), localizada no sudeste da Sefelá, perto da fronteira filisteia. É identificada com a moderna Khirbet Qila, a treze quilômetros e meio a noroeste de Hebrom.

Davi liderou uma expedição ousada a Queila para libertá-la dos bandos de filisteus saqueadores, que estavam roubando grãos de suas eiras. Ele fez dela sua residência por um tempo e esperava ganhar a lealdade de seu povo. No entanto, quando ficou evidente que os homens de Queila estavam planejando entregá-lo, junto com seus homens, a Saul, ele recuou para o Deserto de Zife ([1Sm 23.1-14](#)).

Queila foi reabitada por judeus após o Cativoiro e dividida em dois distritos, governados por Hasabias e Bavai. Seus governantes foram incluídos na lista dos que participaram da reconstrução do muro de Jerusalém sob Neemias ([Ne 3.17-18](#)).

Queila (pessoa)

Descendente de Calebe da tribo de Judá, chamado de garmita em [1 Crônicas 4.19](#). Alguns identificam essa referência com a cidade em Judá em vez de uma pessoa.

Quelaías

Um levita que foi culpado de se casar com uma esposa pagã ([Ed 10.18](#)). De acordo com o versículo [23](#), Quelaías também é chamado de Quelita. Um levita chamado Quelita também é encontrado em [Neemias 8.7](#), [10.10](#), e [1 Esdras 9.48](#), onde ele é um dos que ajudaram Esdras a expor a lei e que colocou seu selo no pacto de Esdras. Não se pode determinar com certeza se Quelaías e Quelita são o mesmo indivíduo.

Quelal

O filho de Paate-Moabe, Quelal, obedeceu à instrução de Esdras para se divorciar de sua esposa não-judaica após o povo de Israel retornar do exílio na Babilônia ([Ed 10.30](#)).

Quelita

Um levita às vezes considerado o mesmo que Quelaías. *Veja* Quelaías.

Quelubai

Uma grafia diferente do nome Calebe. Ele era filho de Hezrom e irmão de Jerameel ([1Cr 2.9](#)). Em hebraico, "Quelubai" é uma forma variante do nome "Calebe," como mostrado em [1Cr 2.18.42](#).

Confira Calebe #2.

Quelube

1. O irmão de Suá e o pai de Meir da tribo de Judá ([1Cr 4.11](#)).
2. O pai de Ezri. Ezri era responsável pelos trabalhadores que cultivavam os campos do Rei Davi ([1Cr 27.26](#)).

Quelube

Outra grafia para o nome Calebe.

Veja Quelube.

Queluí

Um dos filhos de Bani, que foi encorajado por Esdras a se divorciar de sua esposa estrangeira após o exílio ([Ed 10.35](#)).

Quelus

Quelus foi uma das cidades que recebeu mensageiros do rei Nabucodonosor pedindo ajuda em sua guerra contra Arfaxade ([Judite 1.9](#)). A maioria dos estudiosos acredita que Quelus é a mesma que a antiga cidade de Elusa. Hoje, esse lugar é chamado de Al-Khalasa. Fica ao sul de Berseba, perto da extremidade sul do Mar Morto.

Al-Khalasa estava próxima de um importante cruzamento na região.

Quemariam, Quemarins

Termo hebraico frequentemente traduzido como “sacerdotes” ([2Rs 23.5](#); [Os 10.5](#); [Sf 1.4](#)). Na versão ARC, esta palavra aparece em [Sofonias 1.4](#) como um nome próprio, escrito como quemarins. O significado exato da palavra é incerto.

Quemos

Quemos era o nome do principal Deus que o povo moabita adorava ([Nm 21.29](#)). A Bíblia também menciona que o povo amonita estava ligado a este falso deus ([Jz 11.24](#)).

Veja Deidades e religião cananea; Moabe, Moabitas.

Quemuel

1. O terceiro filho de Naor (o irmão do patriarca Abraão). Ele foi o pai de Arã ([Gn 22.21](#)).
2. Um filho de Siftã da tribo de Efraim. Ele foi um dos 12 homens escolhidos para dividir a terra entre as tribos israelitas ([Nm 34.24](#)).
3. O pai de Hasabias foi um governante dos levitas durante o reinado do Rei Davi ([1Cr 27.17](#)).

Quenaana

1. Pai de Zedequias, o falso profeta que previu incorretamente a vitória dos reis Acabe e Josafá sobre os sírios ([1Rs 22.11.24](#); [2Cr 18.10.23](#)).
2. O filho de Bilã, que era chefe do subclã de Jediel na tribo de Benjamim no tempo do rei Davi ([1Cr 7.10-11](#)).

Quenani

Levita que participou da leitura pública da lei por Esdras após o exílio ([Ne 9.4](#)).

Quenancias

1. Chefe levita que liderou o canto processional quando o rei Davi trouxe a Arca da Aliança para o novo tabernáculo em Jerusalém ([1Cr 15.1-3.22.27](#)).
2. Administrador público durante o reinado de Davi. Seus filhos também serviram como funcionários públicos ([1Cr 26.29](#)).

Quenate

Quenate era uma cidade na região de Haurã. Foi capturada por um homem chamado Noba ([Nm 32.42](#)). Posteriormente, foi capturada por Gesur e Arã ([1Cr 2.23](#)).

Quenate era uma cidade cananea. Ela aparece em textos de maldição egípcios dos séculos XIX e XVIII a.C. A cidade também foi conquistada pelo faraó egípcio Tutemés III e é mencionada nas cartas de Amarna (antiga correspondência diplomática).

Durante o período helenístico (após Alexandre, o Grande), Quenate tornou-se uma das cidades da Decápolis (um grupo de 10 cidades). Judeus que retornaram do exílio na Babilônia se estabeleceram lá. Os professores religiosos judeus (rabinos) a consideravam uma cidade fronteira da terra prometida. Quenate também era chamada de Kanatha.

Veja também Kanata.

Quenaz

A forma singular do nome da tribo dos quenezeus. Deus prometeu sua terra aos descendentes de Abraão ([Gn 15.19](#)). O Antigo Testamento menciona três homens diferentes com este nome. Isso pode ser porque os quenezeus se mudaram tanto para Edom (uma terra ao sul) quanto para o sul de Judá (parte do que se tornaria Israel). Isso aconteceu antes de os israelitas conquistarem a terra.

1. Um neto de Esaú e um líder de clã de Edom ([Gn 36.11.15.42](#); [1Cr 1.36.53](#)).
2. O pai de Otoniel e Seraías ([Js 15.17](#); [Jz 1.13](#); [3.9-11](#); [1Cr 4.13](#)).
3. Um descendente de Calebe ([1Cr 4.15](#)).

Veja Quenezeus.

Queneus

Uma das 10 tribos que viviam em Canaã durante o tempo de Abraão ([Gn 15.19](#)). Os queneus, no entanto, não estão incluídos na declaração paralela do tempo de Moisés ([Êx 3.17](#)). A razão aparente para isso é uma relação mais favorável com Israel naquela época. Que Israel continuou a conceder tratamento especial aos queneus é claro em [1 Samuel 15.6](#). Quando Saul mobilizou seu exército contra os amalequitas, ele deu um aviso antes do ataque. Essa gentileza parece refletir a ajuda dada por Hobabe, filho de Reuel, que foi seu guia no deserto ([Nm 10.29-31](#)).

Na época de Baraque, o juiz, e Débora, a profetisa, havia um ramo dos queneus na Galileia. [Juizes 4.11](#) diz: “Acontece que Héber, o queneu, havia se separado dos outros queneus, os descendentes de Hobabe, cunhado de Moisés. Ele havia armado as suas barracas perto do carvalho de Zaananim, que não ficava longe de Quedes” (NTLH). Este Quedes estava na Galileia e não era o Cades-Barneia do deserto do Sinai.

Como o nome Queneu está intimamente relacionado à palavra para ferreiro (cobre) tanto em árabe quanto em aramaico, é possível que essa tribo fosse semelhante a uma associação de comércio de ferreiros nômades que ofereciam suas habilidades onde necessário. Tribos nômades de trabalhadores de metal eram conhecidas por se moverem no antigo Oriente Próximo desde o início do segundo milênio a.C. Tais artesãos são encontrados entre o grupo de asiáticos retratados na tumba de Beni-Hasan no Egito, datando do século XIX a.C. Nos tempos modernos, pelo menos uma tribo árabe de ferreiros ou funileiros itinerantes, semelhantes a ciganos, seguiu as rotas comerciais em busca de emprego.

À luz das informações bíblicas sobre os queneus, a grande questão é a influência que essa tribo aparentemente onipresente teve na vida e cultura dos hebreus. A sugestão menos provável é que Moisés dependia de seu sogro queneu/midianita, Jetro, para fazer a serpente de bronze ([Nm 21.4-9](#)). No entanto, é provável que os queneus, se de fato eram especialistas em metalurgia, possam ter ensinado essa tecnologia ao povo da aliança de Deus para ajudá-los a alcançar a condição de nação estabelecida. Mais séria é a sugestão de que Jetro (também chamado Reuel), “sacerdote de Midiã”, foi a fonte da teologia de Moisés — a religião monoteísta de Jeová (ou Yahweh). Essa sugestão pode ser contestada de dois ângulos — um bíblico e o outro histórico.

A referência bíblica que afirma especificamente que Jeová era o Deus pessoal conhecido pelos homens piedosos desde as primeiras gerações é [Gênesis 4.26](#): “Sete foi pai de um filho e o chamou de Enos. Foi nesse tempo que o nome * SENHOR começou a ser usado no culto de adoração a Deus” (NTLH). Igualmente significativo é o fato de que a mãe de Moisés (ou ancestral, como alguns concluiriam) tinha o nome Joquebede, “Jeová é glória”. Obviamente, então, Moisés não ouviu falar de Jeová pela primeira vez de seu sogro durante seu exílio no deserto de Midiã. As evidências históricas indicam que não havia locais de culto (centros de adoração) além do tabernáculo móvel localizados no Sinai ou em qualquer lugar ao sul de Berseba. Foi ao sul dessa cidade que o Deus que anteriormente se revelou aos patriarcas em várias localidades no norte anunciou a Moisés que ele era ninguém menos que o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó ([Êx 3.6](#)). Os israelitas nunca retornaram ao Sinai para adoração, embora Deus tenha se revelado a eles lá pela primeira vez.

Jetro claramente aprendeu sobre Jeová através de Moisés, e não o contrário. Aqueles queneus que se tornaram parte da família do povo de Deus o fizeram por adoção, sendo introduzidos através do testemunho de Israel na relação de aliança com o Deus de Jacó.

Curiosamente, [1 Crônicas 2.55](#) inclui o queneu Hamate, pai dos recabitas, dentro da genealogia da tribo de Judá, na qual eles foram assimilados. Davi também associa os queneus a outros habitantes do sul de Judá ([1Sm 27.10](#)). [Jeremias 35](#) afirma que os recabitas preservaram o simples estilo de vida nômade de seus ancestrais até o tempo do cativo babilônico. Isso também está de acordo com o que se sabe sobre a natureza dos queneus.

Quenezeus

Um povo relacionado a Quenaz, neto de Esaú ([Gn 36.11,15](#)). Os quenezeus eram de origem edomita e residiam ao sudeste de Judá, nas proximidades dos queneus. Acredita-se que pertenciam à população pré-israelita de Canaã ([Gn 15.19](#)). Seu território deveria ser dado aos israelitas juntamente com o dos queneus, amorreus e cananeus (vv. [19-21](#)).

Em Números e Josué, Calebe, o espião fiel, é considerado como pertencente aos quenezeus ([Nm 32.12](#); [Js 14.6,14](#)). De acordo com [1 Crônicas 4.15](#), a genealogia de Calebe é traçada até Judá ([1Cr 4.1](#)). A relação de Calebe com os quenezeus não é muito

clara. Calebe estabeleceu seu patrimônio em Quiriate-Sefer ([Jz 1.11-13](#)), que está em Judá, mas também está situada perto do território dos quenezeus. A opinião crítica vê os quenezeus como não israelitas que ocuparam Hebrom, Debir e a região montanhosa mais ao sul do Neguebe e que foram politicamente incorporados a Judá.

Queniz

Medida de mercadoria seca equivalente a pouco mais de um litro (um litro) em [Apocalipse 6.6](#) na versão Tradução Brasileira. *Veja Pesos e Medidas.*

Querã

Querã era filho de Disom. Ele era membro da tribo dos horeus durante o tempo de Esaú ([Gn 36.26](#); [1Cr 1.41](#)).

Quéreas

Quéreas era o irmão de Timóteo. Ele era o governador (regente) da cidade de Gazara ([2Mc 10.32](#)). Os Macabeus atacaram Gazara e derrotaram seu exército. Muitas pessoas morreram na batalha, incluindo Quéreas e Timóteo (versículos [36-37](#)).

Quéren-Hapuque

A terceira filha de Jó e irmã de Jemima e Quézia. Ela foi mencionada como membro da família de Jó no momento de sua restauração ([Jó 42.14](#)).

Queretitas

Os queretitas eram um grupo de pessoas que viviam no sul de Judá, perto de Hebrom ([1Sm 30.14](#)). [2 Samuel 8.18](#) os menciona junto com os peletitas. [Ezequiel 25.15-17](#) associa os queretitas com os filisteus (compare [Sf 2.5](#)). Deus os julgou junto com outras pessoas que viviam ao longo da costa devido às ações erradas que os filisteus cometeram contra Israel.

Muitos estudiosos acreditam que o nome queretita significa "cretenses" (alguém da ilha de Creta). Isso faz sentido porque os filisteus podem ter vindo de

Creta e de outras ilhas no Mar Mediterrâneo. A palavra peletita é provavelmente outra forma de dizer "filisteu".

Como os queretitas provavelmente estavam relacionados aos filisteus, podemos aprender sobre eles estudando os filisteus. A arte de Creta e do Egito mostra filisteus usando coberturas de cabeça com penas ou plumas. A cerâmica de lugares filisteus, cretenses e gregos também parece muito semelhante. Isso sugere que esses grupos estavam intimamente conectados.

Os queretitas e peletitas tornaram-se soldados para o rei Davi. Eles eram combatentes estrangeiros que trabalhavam por pagamento (chamados mercenários). Esses soldados eram muito leais a Davi, mesmo durante tempos difíceis ([2Sm 15.18](#); [20.7.23](#); [1Rs 1.38](#)). Reis posteriores de Judá podem ter também os utilizado como soldados. Algumas pessoas acham que os "cários" em [2Rs 11.4,19](#) eram queretitas.

Querigma

A mensagem evangelística básica proclamada pelos primeiros cristãos é a proclamação da morte, ressurreição e exaltação de Jesus. Quando as pessoas ouvem essa mensagem, entendem que Jesus é tanto Senhor quanto Cristo. A mensagem as chama a se afastarem de seus pecados e promete que Deus perdoará seus pecados.

Encontramos esta mensagem básica em dois lugares:

1. Encontramos partes do querigma nos primeiros ensinamentos cristãos que foram escritos antes das cartas de Paulo.
2. O querigma é encontrado nos discursos de Pedro sobre Jesus no livro de Atos.

Quando analisamos ambas as fontes, percebemos que elas transmitem a mesma mensagem básica.

O querigma é essencialmente o mesmo que o Evangelho. Embora o termo em si enfatize um pouco mais a *maneira* de entrega do que a *mensagem* que está sendo proclamada. No mundo antigo, o rei tornava conhecidos seus decretos por meio de um *kerux*. *Kerux* é a palavra grega para um arauto ou mensageiro da cidade. Essa pessoa frequentemente servia como um confidente

próximo do rei. Eles viajavam por todo o reino, anunciando ao povo tudo o que o rei desejava tornar conhecido. É essa nota de declaração autoritária que é tão aplicada à pregação do Evangelho pela igreja primitiva.

O que é o querigma?

O esboço mais simples do querigma é composto pelo seguinte:

1. Uma proclamação da morte, ressurreição e exaltação de Jesus, vista como o cumprimento da profecia e envolvendo a responsabilidade humana.
2. A avaliação resultante de Jesus como Senhor e Cristo.
3. Um chamado para se arrepender e receber o perdão dos pecados.

No entanto, com base em um estudo cuidadoso dos próprios textos, o querigma *não* incluía o seguinte:

1. Uma declaração sobre o alvorecer da era messiânica.
2. Qualquer referência à vida e ao ministério de Jesus (em contraste com sua morte e ressurreição).
3. Uma grande ênfase no Segundo Advento como parte da proclamação evangelística.

Esses tópicos são discutidos em outras partes do Novo Testamento. No entanto, eles não faziam parte da mensagem básica que os primeiros seguidores de Jesus compartilhavam. Sabemos disso porque esses tópicos não são encontrados nos primeiros escritos cristãos.

Por que a ressurreição é importante?

A ressurreição é fundamental no plano de redenção de Deus. O querigma sempre se concentra na ressurreição. Este ato sobrenatural de Deus na história dá poder às palavras e obras de Jesus. É a razão para a esperança cristã na imortalidade.

Sem a ressurreição, a igreja seria apenas um grupo de pessoas boas que colocaram sua fé em um mestre filosófico. A ressurreição é a evidência de que Jesus é quem ele afirmou ser. Somente se ele é o Filho de Deus, sua morte pode fornecer um sacrifício apropriado e suficiente para o pecado humano. Essencialmente, o querigma é uma

declaração de que Cristo ressuscitou dos mortos e que, por esse grande ato, Deus trouxe a salvação.

Qual é o objetivo do querigma?

O querigma não é um resumo entediante de fatos históricos, mas uma importante confrontação entre o Espírito Santo e as necessidades dos humanos pecadores. Ninguém pode negar que a realidade da ressurreição confirma as afirmações de Cristo. Ninguém pode resistir à lógica convincente da ressurreição, pois ela leva inevitavelmente à conclusão de que Jesus de Nazaré é o Senhor vivo. Arrepender-se e crer é entrar no reino de Deus. O objetivo final do querigma não é uma teologia avançada, mas uma vida transformada. É a declaração de que, em Cristo, a nova ordem da vida eterna já entrou no tempo e na história.

Veja também Atos dos apóstolos, Livro dos; Evangelho.

Querieste

1. Uma cidade no Neguebe de Judá chamada Querieste-Hezrom ([Js 15.25](#)). No texto hebraico, Querieste e Hezrom são entendidas como cidades separadas. Hezrom é provavelmente o mesmo lugar que Hazor mencionado anteriormente na lista (v. [23](#)).
2. Uma cidade em Moabe ([Jr 48.24,41](#); [Am 2.2](#)). A partir de informações na Pedra Moabita (uma antiga pedra com inscrições), podemos localizar esta cidade no planalto sudoeste de Moabe, em frente a Atarote. Querieste não está na lista de cidades pertencentes às tribos de Rúben e Gade ([Nm 34](#); [Js 13](#)). Em outras listas, Querieste não é mencionada, mas um lugar chamado Ar é ([Js 15-16](#)). Isso levou estudiosos a acreditar que Ar e Querieste podem ser o mesmo lugar.

Querieste-Hezrom

Cidade mencionada em [Josué 15.25](#). *Veja* Querieste #1.

Querite, o riacho de

Um riacho ou vale onde o Senhor disse ao profeta Elias para se esconder do rei Acabe. Isso aconteceu durante um período em que não havia chuva e havia muito pouca comida na terra, conforme Elias havia predito. Enquanto Elias permanecia junto a este riacho, ele tinha água para beber, e Deus enviava pássaros (corvos) para lhe trazer comida todas as manhãs e noites ([1Rs 17.2-6](#)).

O riacho estava localizado a leste do Rio Jordão ([1Rs 17.3](#)). Algumas pessoas acreditam que estava em um vale chamado Wadi Qelt, perto da cidade de Jericó. No entanto, é mais provável que estivesse na região de Gileade, de onde Elias veio. O Riacho de Querite às vezes é chamado de "Vale de Querite" ou "Ravina de Querite".

Queros

Um dos servos do templo, cujos descendentes retornaram a Jerusalém com Zorobabel ([Ed 2.44](#); [Ne 7.47](#)).

Querube (Lugar)

Uma das cinco cidades babilônicas. Os israelitas que vieram de lá não puderam provar sua ascendência, e eles retornaram para lá após o exílio ([Ed 2.59](#); [Ne 7.61](#)).

Veja também Querube.

Querubim, querubins

Criaturas aladas mencionadas ocasionalmente nas Escrituras ("querubins" é a forma plural do hebraico "Querube"). Os querubins pertencem a uma ordem sobrenatural criada junto com os serafins e anjos. Alguns estudiosos argumentaram que o termo "Querube" teve sua origem no *karibu* ("intercessor") dos textos mitológicos acadianos, comumente representado na arte mesopotâmica como um grifo (uma criatura metade leão e metade águia) ou como um humano alado. A esfinge também parece remontar a esse conceito. A evidência bíblica, no entanto, não parece apoiar essa identificação.

O profeta Ezequiel descreveu quatro "criaturas viventes", cada uma com quatro rostos e quatro asas ([Ezequiel 1.5-24](#)); essas criaturas correspondiam aos querubins ([10.2-22](#)). O esplendor da visão de Ezequiel foi recapturado de forma mais modesta em sua descrição do rei de Tiro, que no meio de sua própria prosperidade parecia estar desempenhando o papel de um querubim imponente ou guardião antes de ser despojado ([28.13-16](#)). Essa passagem foi interpretada por alguns como uma descrição da "queda da graça" de Satanás depois de ele ter estado a serviço de Deus como um membro de alta patente de uma ordem celestial elevada.

Apesar das descrições visionárias elaboradas de Ezequiel, é difícil ter certeza sobre a forma em que os querubins apareciam. Assim, em [Ezequiel 41.18](#), os querubins que deveriam decorar o templo ideal de Ezequiel tinham apenas duas faces, a de um homem e a de um leão jovem, em contraste com as criaturas de quatro faces das visões anteriores. As quatro faces de [Ezequiel 1.10](#) eram as de um homem, um leão, um boi e uma águia, enquanto em [Ezequiel 10.14](#) o querubim tinha sua própria face ("a face do querubim"), junto com as faces de um homem, um leão e uma águia. Se a face do querubim correspondia à de um boi, isso poderia explicar o fato de que querubins na arte do Oriente Próximo eram representados como criaturas de quatro patas, embora frequentemente diferentes dos querubins bíblicos. Além de suas asas, os querubins da visão de Ezequiel tinham pernas retas e pés com cascos como os de um bezerro ([Ezequiel 1.7](#)).

Essa descrição complexa levou estudiosos a tentar identificar querubins nas estátuas e esculturas de povos não-israelitas. O trono de Airão, rei de Biblos, era ladeado por esfinges, que alguns julgaram ser querubins. A esfinge, no entanto, parece ter sido um motivo decorativo popular, como evidenciado por uma caixa de marfim de Megido e marfins de Samaria, Nimrud e outros lugares. Outras criaturas decorativas têm várias combinações de corpos humanos e animais, com asas geralmente proeminentes. Nenhuma delas representa adequadamente as descrições dos querubins no AT.

Os quatro seres viventes do livro de Apocalipse eram semelhantes aos querubins de Ezequiel, mas não tinham suas rodas giratórias ([Apocalipse 4.6-9](#)). Referências subsequentes aos seres em Apocalipse ([5.6-14](#); [6.1-8](#); [7.1-11](#); [14.3](#); [15.7](#); [19.4](#)) não acrescentam nada à descrição inicial.

Os querubins de [Gênesis 3.24](#) atuavam como guardiões ou custodios. Guardiões sobrenaturais parecem ter sido comuns no pensamento do Oriente Próximo. Em [Ezequiel 10](#), os querubins também eram executores do julgamento divino, espalhando brasas sobre uma cidade ([Ezequiel 10.2.7](#)).

No pensamento israelita inicial, os querubins estendiam suas asas e forneciam a Deus um trono ([1 Samuel 4.4](#); [2 Samuel 6.2](#); etc.). Deus falou a Moisés de tal trono sobre a tampa da Arca da Aliança ([Êxodo 25.22](#)). Na visão de Ezequiel ([Ezequiel 1.26](#); [10.1](#)), Deus estava sentado em um carro de quatro rodas movido pelos querubins e elevado por suas asas. Na poesia hebraica, Deus era retratado como usando nuvens para seu carro ([Salmo 104.3](#); cf. [Isaías 19.1](#)) ou cavalgando em um querubim em voo ([2 Samuel 22.11](#); [Salmo 18.10](#)). A ideia de querubins fornecendo um assento ou plataforma para a divindade invisível encontrou expressão na arte do Oriente Próximo, onde os deuses pagãos estavam sobre as costas de animais.

Em Israel, querubins foram esculpidos na arca da aliança ([Êxodo 25.18-20](#); [37.7-9](#)), e representações deles também foram bordadas nas cortinas do tabernáculo e no véu que protegia o santuário mais interno onde a arca repousava.

O Lugar Santíssimo do templo de Salomão foi adornado por duas grandes representações de querubins, feitas de madeira de oliveira e cobertas com folha de ouro. Quando colocadas lado a lado com asas estendidas, elas abrangiam toda a largura do santuário interno. Querubins menores e palmeiras foram esculpidos nos painéis de madeira do templo e em algumas das portas, e também foram representados nos lados dos suportes da bacia ([1 Reis 7.29.36](#)). Querubins alternando com palmeiras faziam parte da decoração do templo visionário de Ezequiel ([Ezequiel 41.17-20](#)).

Veja também Anjo; Serafim, Serafins.

Quesalom

Uma cidade no norte de Judá, perto da fronteira do território de Dã. A cidade foi construída no lado norte do monte Jearim. Hoje, acredita-se que este lugar seja um local chamado Kesla, que fica a cerca de 14,5 quilômetros a oeste de Jerusalém.

A Bíblia menciona Quesalom apenas uma vez, ao descrever como os israelitas, liderados por Josué, tomaram o controle da terra de Canaã ([Js 15.10](#)).

Veja também Jearim, Monte.

Quesede

Um filho de Milca e Naor ([Gn 22.22](#)). Naor era irmão do patriarca Abraão.

Quesede

Um filho de Milca e Naor ([Gn 22.22](#)). Naor era irmão do patriarca Abraão.

Quesil

Uma cidade nas fronteiras de Edom no Neguebe. Foi dada à tribo de Judá ([Js 15.30](#)). Em outra lista de cidades, Quesil é substituída por:

1. Betul ([Js 19.4](#));
2. Betuel ([1Cr 4.30](#));
3. Talvez Betel, embora não o Betel ao norte de Jerusalém ([1Sm 30.27](#)).

Betuel ou Betul é considerado por muitos estudiosos como o nome original, com Quesil sendo um erro posterior.

Veja também Betuel, Betul (Lugar).

Quesitá

Peso de valor desconhecido ([Gn 33.19](#); [Js 24.32](#); [Jó 42.11](#), NTLH). *Veja* Dinheiro.

Quesulote

Uma cidade em Issacar ([Js 19.18](#)). Também é chamada de Quislot-Tabor em [Josué 19.12](#). Quesulote é provavelmente a moderna vila de Iksal, cerca de 4,8 quilômetros a sudeste de Nazaré.

Quetura

Segunda esposa de Abraão. Não está claro se ele se casou com ela antes ou depois da morte de Sara ([Gn 25.1](#)). Ele teve seis filhos com ela: Zinrã, Jocsã, Medã, Midiã, Isbaque e Sua (v. [2](#)). O status de Quetura não era o mesmo que o de Sara. Ela é chamada de concubina ([Gn 25.6](#), cf. [1Cr 1.32](#)), e seus filhos receberam presentes em vez de uma parte na herança. Os filhos de Quetura foram os ancestrais de tribos com as quais Israel entrou em contato após a Conquista, especialmente os filhos de Midiã e Jocsã, Seba e Dedã ([Gn 25.3](#)). Pelo que se pode determinar, as tribos se estabeleceram nas regiões norte e central do norte do Eufrates, até as seções centrais do Deserto Árábico. Eles eram comerciantes (cap. [37](#)) e pastores ([Êx 2.16](#)). Estavam envolvidos no comércio internacional ([Is 60.6](#)). Por exemplo, a Rainha de Sabá, uma descendente de Jocsã ([Gn 25.3](#)), veio a Salomão para iniciar relações comerciais ([1Rs 10.2](#)).

Veja também Abraão.

Quézia

A segunda filha de Jó. Ela nasceu depois que Deus restaurou a sorte de Jó ([Jó 42.14](#)).

Quezibe

Outro nome para Aczibe, uma cidade no território de Judá ([Gênesis 38.5](#)).

Consulte Aczibe #1.

Quezibe

Uma cidade no território de Judá ([Gênesis 38.5](#)).

Quiamon

Local mencionado no livro de Judite como demarcando o acampamento do exército de Holofernes ([Jt 7.3](#)). O nome é incerto: "Quiamon" é encontrado no texto grego, mas o siríaco tem "Cadmon". Dois manuscritos hebraicos posteriores têm "Selmon", outro "Hermon". A Vulgata Latina tem "Chelmon". Alguns estudiosos conectaram o local com Jocneão, o moderno Tell Quiamon ([Is](#)

[12.22](#)). A única pista no livro de Judite é que ficava de frente para Esdrelon, a porção ocidental da planície de Jezreel.

Quibrote-Hataavá

Local no deserto onde os israelitas que morreram pela praga por desejarem carne do Egito foram enterrados ([Nm 11.34-35](#); [33.16-17](#); [Dt 9.22](#)). Estava situada entre o Monte Sinai e Hazerote, mas sua localização exata é desconhecida. O nome, que significa "túmulos do desejo", está de acordo com o relato das codornizes.

Veja também Peregrinações no deserto.

Quibzaim

Uma das várias cidades em Efraim dadas à família levítica de Coate após a conquista de Canaã ([Is 21.22](#)). Provavelmente é a mesma que Jocmeão de [1 Crônicas 6.68](#).

Quidom

A eira onde Deus feriu Uzá quando ele tentou segurar a Arca da Aliança ([1Cr 13.9](#)). A passagem paralela em [2 Samuel 6.6](#) refere-se a este lugar como "a eira de Nacom". Após a morte de Uzá, o rei Davi renomeou o lugar como "Peres-Uzá". Isso significa "a brecha de Uzá" ou "o surto contra Uzá" ([2Sm 6.8](#); [1Cr 13.11](#)).

Quileabe

O segundo filho do rei Davi. Quileabe foi o primeiro filho nascido dele por Abigail ([2Sm 3.3](#)). Outro nome para Quileabe é Daniel em [1 Crônicas 3.1](#).

Quiliom

Um dos dois filhos de Elimeleque e Noemi ([Rute 1.2](#)). Quiliom casou-se com uma moabita chamada Orfa (versículo [4](#)). Quiliom mais tarde morreu em Moabe (versículo [5](#)).

Quilmade

Uma cidade mesopotâmica listada junto com Harã, Cane, Éden e Assur como aquelas que comerciavam com Tiro ([Ez 27.23](#)).

Quimã

Um filho de Barzilai, segundo o historiador judeu Josefo. Quimã era um homem muito rico que forneceu comida ao rei Davi e seus homens. Isso aconteceu enquanto eles estavam em Maanaim, quando Davi estava fugindo de seu filho Absalão ([2Sm 19.32](#)). Davi convidou Barzilai para voltar com ele a Jerusalém, mas Barzilai recusou essa oferta. Em vez disso, ele pediu que Davi mostrasse bondade a Quimã (versículos [37-40](#)). Davi concordou com esse pedido. Mais tarde, ele instruiu seu filho Salomão a dar constante apoio do palácio a Quimã ([1Rs 2.7](#)).

Seu nome aparece séculos depois em um lugar chamado Gerute-Quimã, que estava localizado perto de Belém. É neste local que as pessoas que Joanã havia resgatado de Ismael ficaram temporariamente, antes de planejarem continuar sua jornada para o Egito ([Jr 41.17](#)).

Quiná

Cidade no Neguebe de Judá ([Js 15.22](#)), possivelmente nomeada em homenagem aos queeneus que viviam na área ([Jz 1.16](#)). De acordo com uma carta descoberta em Arade, tropas foram enviadas de Quiná para reforçar Ramote-Neguebe contra um ataque edomita. O nome antigo é preservado em Wadi el-Qeini, no leste do Neguebe.

Quinerete

1. Uma cidade fortificada no território da tribo de Naftali ([Js 19.35](#)). Uma lista egípcia de cidades da época de Tutemés III no século XV a.C. também a menciona. O local é identificado como Tell el-'Oreimeh na margem noroeste do Mar da Galileia. Os arqueólogos acreditam que pessoas viveram na cidade de cerca de 2000 a 900 a.C.

2. Um distrito no território de Naftali que incluía a cidade mencionada acima (#1). Ben-Hadade, rei da Síria, a conquistou no início do século IX a.C. durante o reinado de Baasa, rei do norte de Israel ([1Rs 15.20](#)).
3. Um nome antigo para o Mar da Galileia ([Nm 34.11](#); [Dt 3.17](#); [Js 11.2](#); [12.3](#); [13.27](#)). Não se sabe ao certo se a cidade foi nomeada após o mar ou o mar após a cidade. O nome significa "liras", possivelmente porque o mar tem a forma de uma lira (um instrumento de cordas semelhante a uma harpa). Nos tempos do Novo Testamento, o nome tornou-se Genesaré ([Lc 5.1](#)).
Veja Mar da Galileia.

Quinerete

1. Uma cidade fortificada no território dado à tribo de Naftali ([Js 19.35](#)). Também é mencionada em uma lista egípcia de cidades conquistadas por Tutemés III no século XV a.C. O local foi identificado como Tell el-'Oreimeh na margem noroeste do mar da Galileia. Evidências arqueológicas sugerem que o local foi habitado de 2000 a 900 a.C.
2. Um distrito no território de Naftali que incluía o #1 acima. Ben-Hadade, rei da Síria, conquistou-o no início do século IX a.C., durante o reinado de Baasa, rei do norte de Israel ([1Rs 15.20](#)).

- Um nome antigo para o mar da Galileia ([Nm 34.11](#); [Dt 3.17](#); [Js 11.2](#); [12.3](#); [13.27](#)). É difícil dizer se a cidade (veja #1 acima) foi nomeada após o mar ou vice-versa. O nome significa "liras". Pode se referir ao mar da Galileia. O mar tem uma forma um pouco semelhante a uma lira (um instrumento musical semelhante a uma harpa). Nos tempos do Novo Testamento, foi acidentalmente alterado para Genesaré ([Lc 5.1](#)). *V veja O mar da Galileia.*

Quios

Uma ilha rochosa e montanhosa na parte leste-central do Mar Egeu. Durante a terceira viagem missionária de Paulo, seu navio ancorou em frente a Quios entre as paradas em Mitilene e Samos enquanto ele viajava para Jerusalém ([At 20.15](#)). Embora a ilha não fosse muito fértil, Quios era conhecida por produzir vinho, figos e goma mastique. A ilha é separada do continente por um estreito de 8 quilômetros. No tempo de Paulo, a principal cidade da ilha, também chamada Quios (atualmente Scio), era uma cidade livre na província romana da Ásia.

Quir

- Cidade mesopotâmica da qual os sírios migraram para Damasco e para a qual foram posteriormente exilados pelos assírios ([Am 1.5](#); [9.7](#)). A fuga de Quir para Aram foi paralela ao Êxodo dos israelitas. Deve ter sido uma experiência terrivelmente amarga ser deportado (por Tiglate-Pileser) de volta para Quir ([2Rs 16.9](#)). Se a cidade realmente existiu ou não é discutível. Poderia ter se tornado uma metáfora para escravidão e exílio.
- Fortaleza geralmente identificada com a antiga capital de Moabe. Soldados de Quir foram associados com aqueles de Elam ([Js 22.6](#)). Da mesma forma, Quir foi comparado com Ar no lamento de Isaías sobre Moabe ([15.1](#)). Quir de Moabe, portanto, é provavelmente o mesmo que Quir-Haresete ([2Rs 3.25](#); [Js 16.7](#)), localizado em Kerak, a 17,7 quilômetros a leste da extremidade sul do Mar Morto.

Quir-Haresete

Uma cidade fortificada frequentemente identificada como a antiga capital de Moabe.

V veja Quir #2.

Quiriataim

1. Cidade no planalto moabita, mencionada na marcha dos quatro reis contra os cinco ([Gn 14.5](#)), onde os habitantes locais emins foram atacados. Foi tomada pelos israelitas de Seom ([Nm 32.37](#)) e incluída na herança de Rúben ([Js 13.19](#)). A Pedra Moabita registra que Seom fortificou o local após ganhar o controle do planalto; no século VII a.C., ainda estava sob controle moabita ([Jr 48.1.23](#); [Ez 25.9](#)). Eusébio a colocou a 14,8 quilômetros a oeste de Medeba. Duas identificações foram propostas — ou Khirbet el-Qureiyeh ou Qaryat el-Mukhaiyet, 9,7 quilômetros a noroeste e 4,8 quilômetros a noroeste de Medeba, respectivamente.

2. Cidade levítica no território de Naftali ([1Cr 6.76](#)), chamada Cartã em [Josué 21.32](#); este último é provavelmente uma variante dialetal. A identificação sugerida é com Khirbet el-Qurieyeh, a nordeste de 'Ain Ibl no sul do Líbano.

V veja também Cidades levíticas.

Quiriate-Arba

Um antigo nome de Hebrom. Estava perto da caverna de Macpela, o local de sepultamento dos patriarcas ([Gn 23.2](#); [Js 14.15](#); [Jz 1.10](#)).

V veja Hebrom (Lugar) #1.

Quiriate-Arim

Nome alternativo para Quiriate-Jearim em [Esdras 2.25](#) (NTLH). *V veja Quiriate-Jearim.*

Quiriate-Baal

Nome alternativo para Quiriate-Jearim em [Josué 15.60](#) e [18.14](#). *V veja Quiriate-Jearim.*

Quiriate-Huzote

Uma cidade em Moabe. Balaque e Balaão foram lá antes de irem para Bamote-Baal ([Nm 22.39](#)).

Quiriate-Jearim

Quiriate-Jearim é uma vila localizada a 16 quilômetros a noroeste de Jerusalém, na estrada entre Jerusalém e Tel Aviv. Hoje, é chamada de Abu Ghosh. Arqueólogos franceses encontraram evidências de que pessoas viveram lá há 7.000 anos. Esses primeiros habitantes passaram de criar animais para cultivar plantações. A vila recebeu seu nome moderno de uma família de líderes árabes chamada Abu Ghosh. No início do século 19, essa família roubava viajantes religiosos que iam para Jerusalém. Isso terminou quando Ibrahim Paxá do Egito interrompeu a prática.

No século 12, os Cruzados construíram uma igreja nesta vila porque acreditavam que era Emaús. De acordo com a Bíblia, Emaús foi onde Jesus apareceu a duas pessoas após ter ressuscitado ([Lc 24.13](#)). A igreja tem paredes muito grossas, construídas sobre uma antiga base militar romana. Esta base é onde o imperador romano Tito manteve seus soldados experientes durante a guerra contra o povo judeu (chamada de "Revolta Judaica"). Sob a igreja, há uma grande sala subterrânea chamada cripta, que possui uma fonte de água natural. Histórias escritas durante a Primeira Cruzada chamam isso de "Fonte de Emaús".

Durante o tempo em que os juízes lideravam Israel, Quiriate-Jearim era uma das quatro cidades onde o povo gibeonita vivia. Os gibeonitas enganaram Josué e os líderes de Israel mentindo sobre quem eram. Por causa desse truque, Josué fez um acordo para protegê-los ([Js 9.3-27](#)). A cidade ficava na fronteira entre duas tribos de Israel, Judá e Benjamim. Eventualmente, tornou-se parte da tribo de Judá ([Js 15.9](#); [18.14](#)).

Mais tarde, durante o tempo em que Samuel era o líder de Israel, algo importante aconteceu envolvendo a arca de Deus. Os filisteus haviam tomado a arca de Israel ([1Sm 4.11](#)). No entanto, logo descobriram que ter a arca lhes trouxe problemas. Eles foram instruídos a devolvê-la a Israel.

Os filisteus devolveram a arca para um lugar chamado Bete-Semes. Lá, 70 homens morreram porque olharam dentro da arca. O povo de Bete-Semes ficou com medo do poder da arca, então a

enviaram para Quiriate-Jearim. A arca ficou na casa de um homem chamado Abinadabe por 20 anos ([1Sm 7.1](#)).

Anos depois, quando Davi se tornou rei e se mudou para Jerusalém, uma de suas primeiras ações foi mover a arca. Ele a levou de Quiriate-Jearim (também chamada de Baalá) primeiro para a casa de Obede-Edom, e finalmente para Jerusalém ([2Sm 6](#)).

Um profeta chamado Urias veio de Quiriate-Jearim. Ele falou contra as ações malignas do Rei Jeoaquim, mas por causa disso, o rei mandou matá-lo ([Jr 26.20-23](#)). Mais tarde na história, quando muitos judeus foram forçados a deixar sua terra natal, algumas pessoas de Quiriate-Jearim estavam entre eles. Anos depois, quando lhes foi permitido voltar para casa, algumas dessas pessoas de Quiriate-Jearim retornaram ([Ed 2.25](#); [Ne 7.29](#)).

Quiriate-Sana

Nome alternativo para Debir, uma cidade judaica, em [Josué 15.49](#). Veja Debir (lugar) #1.

Quiriate-Sefer

Nome antigo para a cidade judaica Debir em [Josué 15.15](#). Veja Debir (lugar) #1.

Quirino

Governador romano da Síria na época do nascimento de Jesus ([Lc 2.2](#)). De acordo com o historiador romano Tácito (*Anais* 3.48), Públio Sulpício Quirino foi eleito cônsul da Síria em 12 a.C. Ele foi nomeado por volta de 7 a.C., junto com Varo, legatus (ou governador) da Síria. Suas funções eram em assuntos militares e estrangeiros, enquanto Varo lidava com questões civis. O primeiro mandato de Quirino como governador durou vários anos. Ele liderou uma expedição bem-sucedida contra os homonadenses, um grupo rebelde de montanheseiros na província cilícia da Ásia Menor. Ele também supervisionou um censo em todo o império ordenado por César Augusto. Lucas registra que o nascimento de Jesus ocorreu na época desse primeiro recenseamento "enquanto Quirino era governador da Síria" ([Lc 2.2](#)). Mateus diz que foi durante o reinado do rei Herodes, o Grande ([Mt 2.1](#)), presumivelmente em 4 a.C.

Quirino tornou-se reitor de Gaio César em 1 a.C. Ele se casou com Emília Lépidia em 2 d.C., mas depois se divorciou dela. Em 6 d.C., ele foi nomeado novamente governador da Síria, talvez servindo nesta posição por alguns anos. Nesta segunda administração, Quirino supervisionou novamente um censo da Judeia. O segundo censo não foi realizado de acordo com o costume judaico, como foi o primeiro. O segundo censo tributou os judeus como um povo subserviente a Roma. Isso causou oposição e rebelião judaica contra Roma. Este é provavelmente o censo referido pelo historiador judeu Josefo (*Antiguidades* 17.13.5) e Gamaliel ([At 5.37](#)).

O restante da carreira de Quirino foi provavelmente passado em Roma, onde ele morreu em idade avançada no ano 21 d.C.

Veja também Censo; Cronologia da Bíblia (Novo Testamento).

Quiriot

A versão NTLH usa a grafia de Queriot, uma cidade moabita ([Am 2.2](#)).

Veja Queriot #2.

Quis

1. Um benjamita de Gibeá, pai do Rei Saul e um homem de importância em sua cidade ([1Sm 9.1](#)). Sua ascendência é traçada por quatro gerações. Assim é a de Elcana, o pai de Samuel, que ungiria Saul como rei ([1Sm 1.1](#)). Os detalhes da família de Quis são um tanto obscuros. O nome de seu pai é listado como Abiel em [1 Samuel 9.1](#). Se o Quis mencionado em [1 Crônicas 8.30](#) for a mesma pessoa, então Abiel também era conhecido como Jeiel. Mas pode ser que este segundo Quis fosse tio do pai de Saul. Em [1 Crônicas 8.33](#) e [9.39](#), Ner, não Abiel, é dito ser o pai de Quis. No entanto, em [1 Samuel 14.51](#), Abiel é dito ser o pai de dois filhos cujos nomes eram Ner e Quis. A solução é que o Ner em Crônicas era um ancestral anterior, provavelmente pai ou avô de Abiel. Se for assim, então, a relação pai-filho entre Ner e Quis deve ser entendida em um sentido ampliado, como em outros lugares no Antigo Testamento. Não há outros detalhes disponíveis sobre a vida de Quis. Seu túmulo estava em Zela de Benjamim ([2Sm 21.14](#));
2. Um levita, neto de Merari, filho de Mali e pai de Jerameel ([1Cr 23.21,22; 24.29](#));
3. Filho de Abdi, outro levita da família de Merari. Ele foi um dos levitas que ajudou Ezequias a purificar o templo ([2Cr 29.12](#));
4. Um benjamita e bisavô de Mardoqueu. Mardoqueu foi levado ao exílio por Nabucodonosor em 597 a.C. ([Et 2.5](#)), junto com o rei Jeoaquim e o profeta Ezequiel.

Quisi

Levita da família de Merari, cujo filho Etã era cantor e músico no santuário durante o reinado de Davi ([1Cr 6.44](#)). Ele também é conhecido como Cuchaías em [15.17](#).

Quisião

Cidade atribuída à tribo de Issacar ([Js 19.20](#)) e dada aos levitas gersonitas ([Js 21.28](#)). *Veja* Cidades levíticas.

Quisleu

Quisleu é um dos meses do calendário hebraico. No nosso calendário moderno, geralmente ocorre em partes de novembro e dezembro. O nome também pode ser escrito como kislev ou chisleu.

Veja Calendários, antigos e modernos.

Quislom

O pai de Elidade era um líder da tribo de Benjamim durante as peregrinações no deserto de Israel. Elidade foi um dos escolhidos por Moisés para dividir a terra de Canaã entre as tribos ([Nm 34.21](#)).

Quislote-Tabor

Uma cidade mencionada em [Js 19.12](#).

Veja Quesulote. *Veja também* Tabor (Lugar).

Quisom

Rio que drena o Vale de Jezreel. Tem apenas 40 quilômetros de comprimento, mas reúne numerosos pequenos riachos que se originam nas colinas ao sul e ao norte ao longo de seu curso. Nasce no norte das terras altas samaritanas, onde a divisória de águas direciona algumas águas para o norte e outras para o oeste, descendo a planície de Dotã. Numerosos e pequenos uadis desaguam no curso principal à medida que ele se move para noroeste, descendo as encostas das colinas samaritanas do norte até a planície de Esdrelão. Essas partes superiores são secas no verão, mas no inverno (a estação chuvosa) podem se tornar torrenciais. De Jenin até a estreita passagem em Tell el-Qassis (o “monte do sacerdote”), a queda é de cerca de 76 metros. O curso do rio segue a cordilheira do monte Carmelo, e numerosos riachos se juntam ao curso principal das cadeias do

Carmelo ao sul e das colinas da Galileia ao norte. Como esta região tem uma precipitação muito melhor do que a área das partes superiores do rio, o Quisom torna-se um riacho perene na última parte de seu curso. Flui pelos últimos 10 quilômetros de seu comprimento ao lado do monte Carmelo e deságua no mar Mediterrâneo a cerca de três quilômetros ao norte de Haifa. Pouco antes de chegar ao mar, atinge uma largura de 20 metros.

O forte escoamento das colinas, especialmente na época das chuvas de primavera, combinado com o terreno plano da planície de Esdrelão, produzia condições pantanosas ao longo de seu curso e representava um sério obstáculo para o transporte nos tempos antigos. Nos últimos anos, seu curso médio foi amplamente drenado.

Dois importantes eventos bíblicos ocorreram na região do rio Quisom. A derrota de Sísera por Baraque e Débora aconteceu aqui. Os carros dos cananeus ficaram presos nos pântanos do Quisom e foram superados pelo ataque israelita ([Jz 4-5](#)). O rio foi louvado no cântico de Débora ([5.21](#)), e o evento foi lembrado no [Salmo 83.9](#) (onde é chamado de Quisom). Mais tarde, os profetas de Baal, humilhados por Elias no monte Carmelo, foram mortos ao longo das margens do Quisom ([1Rs 18.40](#)). O rio é mencionado pelo historiador romano Plínio, por escritores árabes e pelos Cruzados. Nos últimos anos, a última parte do rio foi aprofundada e alargada para que um canal de 300 metros de comprimento, 50 metros de largura e 4 metros de profundidade forneça um porto auxiliar para Haifa, especialmente para embarcações de pesca.

Quitim

Outra grafia de Quitim é o antigo nome hebraico para a ilha de Chipre.

Veja Quitim.

Quitim

Nome hebraico antigo para a ilha de Chipre ([Gn 10.4](#); [Dn 11.30](#)). *Veja* Chipre.

Quitlis

Uma cidade atribuída à tribo de Judá ([Js 15.40](#)). Quitlis estava localizada na área de planície de Judá,

também conhecida como Sefelá. Não sabemos a localização exata de Quitlis.

Quitrom

Cidade atribuída à tribo de Zebulom, da qual os habitantes cananeus não puderam ser expulsos ([Jz 1.30](#)). Foi identificada com Catate ([Js 19.15](#)), Tell el-Far e Tell Qurdaneh. *Veja* Catate.

Quium

Deidade astral mesopotâmica, chamada de "Moloque" na ARC ([Am 5.26](#)). *Veja* Sicute.

Qumran

Uma antiga comunidade religiosa judaica que vivia perto do local onde os Rolos do Mar Morto foram descobertos em 1947.

Este mosteiro judaico, chamado Khirbet Qumran, está localizado no lado norte do Wadi Qumran. Fica a cerca de 1,6 quilômetros ao sul da Caverna I. Viajantes notaram as ruínas por anos.

Escavações em Khirbet Qumran

As primeiras investigações de Khirbet Qumran foram realizadas em 1949 por Harding e de Vaux. O Museu Arqueológico da Jordânia e a École Biblique iniciaram escavações rotineiras a partir de 1951. Eles encontraram o edifício principal no complexo e descobriram que ele estava no centro de uma comunidade bem organizada. Estima-se que 200–400 pessoas viveram em Qumran ao mesmo tempo, a maioria delas em tendas fora dos edifícios ou em cavernas próximas. Havia também um grande cemitério a leste em direção ao Mar Morto. Roland de Vaux concluiu que Khirbet Qumran era a sede de uma seita judaica chamada os Essênios.

História de Khirbet Qumran

O local foi ocupado em várias épocas da história. A ocupação mais antiga foi nos séculos 8 e 7 a.C., possivelmente durante o reinado do rei Uzias (cp. [2Cr 26.10](#)). Há muitas evidências de ocupação no período greco-romano (de 332 a.C.–395 d.C.). O principal assentamento começou por volta de 100

a.C., provavelmente durante o tempo de Hircano I (o primeiro sacerdote da dinastia hasmoneia, de 134–104 a.C.). Este assentamento terminou com um terremoto em 31 a.C. O local foi reocupado por volta da época da morte de Herodes, o Grande, em 4 a.C. O local foi abandonado quando foi capturado pelos romanos em 68 d.C. Os romanos permaneceram lá até cerca de 90 d.C. Mais tarde, rebeldes judeus usaram o local em 132–135 d.C. durante a segunda revolta contra os romanos sob Bar-Kochba.

Características de Khirbet Qumran

O maior edifício era o salão principal de assembleias, com muitas salas adjacentes. Foram encontrados muitos artefatos de cerâmica, tanto para uso na cozinha quanto para proteger pergaminhos que eram copiados na sala de escrita ou scriptorium. Nenhum manuscrito foi encontrado nas ruínas de Khirbet Qumran. No entanto, a cerâmica era a mesma das encontradas na Caverna I, que continha os Rolos do Mar Morto. Isso estabelece uma ligação entre as ruínas e os manuscritos. O scriptorium continha mesas de gesso romanas, bancos e tinteiros.

O local possuía um elaborado sistema de água. Muitas cisternas redondas e retangulares coletavam água das montanhas a oeste. As cisternas eram provavelmente usadas para purificações rituais e batismos. Centenas de moedas do período greco-romano foram encontradas, o que ajudou a datar as várias camadas de ocupação. Cerca de 3 quilômetros ao sul, há uma fonte conhecida como 'Ain Feshka. Parece ter sido um posto agrícola de Khirbet Qumran.

Identidade da seita de Qumran

A comunidade de Qumran era uma seita judaica formada no segundo século a.C. Provavelmente, a seita cresceu após a cultura grega ser imposta aos judeus pelos governantes selêucidas. A comunidade rejeitou o templo de Jerusalém e se mudou para o deserto. Eles provavelmente chamavam sua comunidade de "Damasco". Acreditavam que eram obedientes à vontade de Deus e estavam mantendo sua aliança.

A seita foi identificada com vários grupos, mas a melhor correspondência parece ser com os Essênios. Escritores do primeiro século d.C., como Josefo, Filo e Plínio, o Velho, mencionaram os Essênios. Esses escritores descreveram os Essênios como um grupo ascético (comprometido com a

autodisciplina e a rejeição do prazer). Eles viviam ao longo da costa oeste do Mar Morto. A seita compartilhava muitas crenças e práticas com os Essênios:

- Período de prova de dois anos para membros;
- Membros classificados;
- Riqueza compartilhada na comunidade;
- Praticavam refeições comunitárias;
- Praticavam o batismo e a purificação ritual;
- Disciplina estrita.

A seita de Qumran incluía tanto sacerdotes quanto leigos. A liderança da comunidade era composta por 15 homens: 3 sacerdotes e 12 leigos. O líder do grupo era um superintendente ou examinador. Havia algumas diferenças entre a seita de Qumran e os Essênios. Ao contrário dos Essênios, os da seita em Qumran:

- foram autorizados a se casar,
- permitiram que mulheres se tornassem membros, e
- não eram pacifistas.

Crenças da seita de Qumran

A seita de Qumran tinha as Escrituras em alta estima. Eles se consideravam o povo da aliança de Deus. Assim, separaram-se da vida judaica convencional para estudar a lei de Deus e se preparar para a vinda do Senhor. Como judeus, acreditavam no Deus do Antigo Testamento. Eles acreditavam que Deus era:

- O Senhor da criação;
- Soberano sobre todas as coisas;
- Seres humanos predestinados à salvação ou condenação.

Os anjos eram importantes para sua teologia. Anjos eram criaturas espirituais que lutariam ao lado dos "eleitos" na guerra contra o mal. Eles acreditavam em um monoteísmo estrito (a visão de que há apenas um Deus), então acreditavam que Deus era o autor tanto do bem quanto do mal.

Os ensinamentos de Qumran retratavam os humanos como pecadores e necessitados da graça de Deus. A purificação só ocorria ao obedecer às leis de Deus e aos ensinamentos da comunidade. Seus ensinamentos provinham de um anônimo Mestre da Justiça, descrito no "Comentário de Habacuque" e em outros pergaminhos. O Mestre não era o fundador da seita, mas foi enviado por Deus para ensinar a comunidade. Ele foi informado sobre os planos de Deus, que seriam realizados nos tempos finais. Ele era um sacerdote e foi instruído por Deus a interpretar as palavras dos profetas. Ele não era o Messias (líder escolhido por Deus). O Mestre foi perseguido por um "Sacerdote Perverso". As tentativas de identificar essas figuras com pessoas históricas específicas são especulativas.

A seita de Qumran tinha uma forte esperança messiânica. Eles acreditavam que estavam vivendo nos últimos dias antes da chegada do Messias e da batalha final contra o mal. O "Documento de Damasco" mencionava "os ungidos [messias] de Arão e Israel". Isso pode se referir a dois messias: um messias sacerdotal de Arão e um messias real de Israel. Alguns estudiosos sugerem três figuras messiânicas: um rei de Davi, um sacerdote de Arão e um profeta semelhante a Moisés (cp. [Dt 18.18](#)). O Mestre da Justiça pode ter sido o profeta antecipado. Os membros da comunidade acreditavam na ressurreição dos mortos e na imortalidade dos justos. Eles ensinavam que os ímpios seriam punidos e destruídos pelo fogo.